

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO



Um olhar sobre o cotidiano

Caleidoscópico:
Nova Multieducação

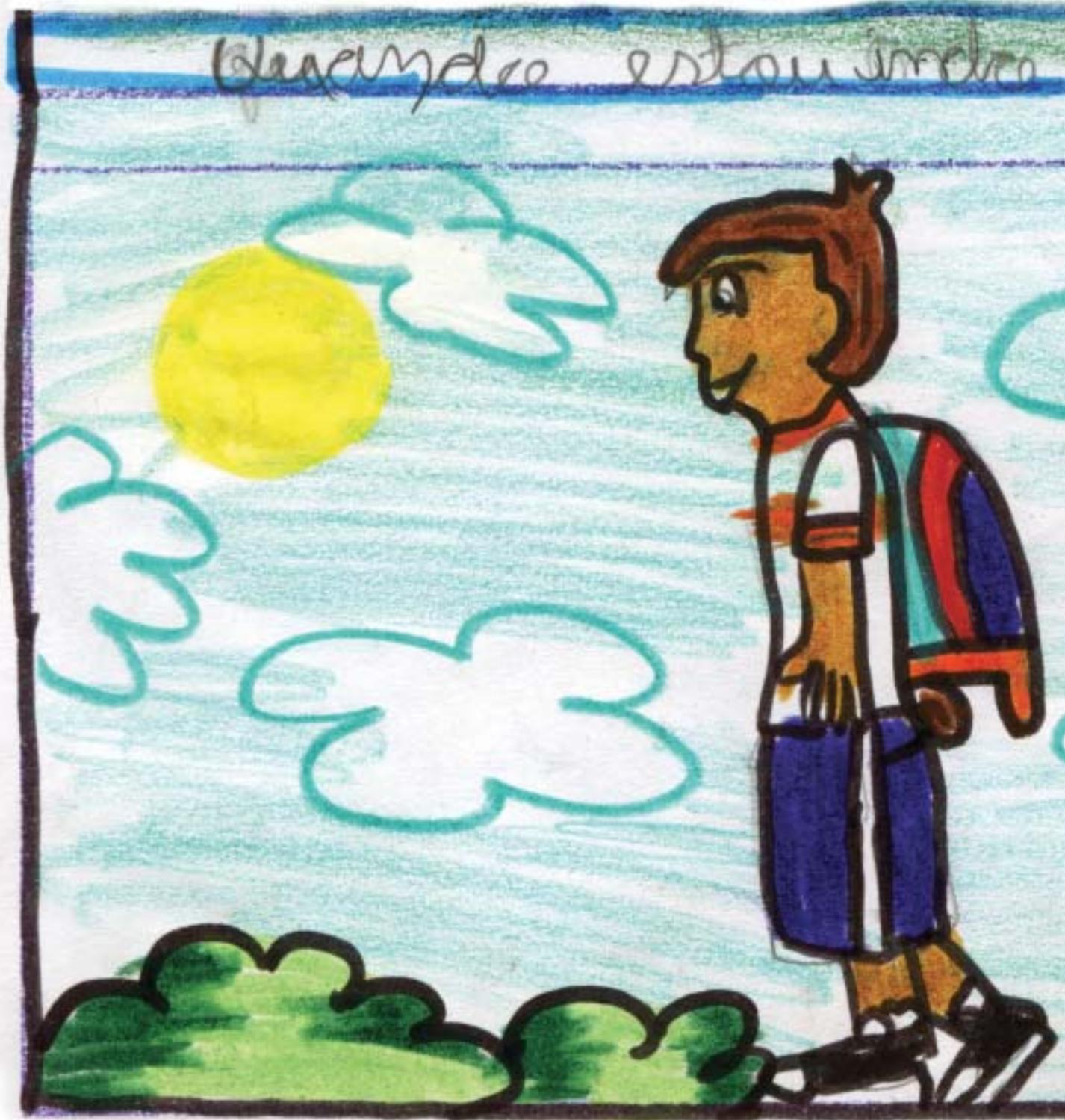


Jogos
Pan-americanos
Uma conquista
da **PREFEITURA**.
Uma vitória
do **RIO**.

Augusto Fagundes Freitas Ribeiro: Ti. U.

Coisas que me fazem

Glacimedes estou amado



feliz...



DESENHO DO ALUNO AUGUSTO FAGUNDES FREITAS SILVINO, E. M. ERNESTO NAZARETH

editorial

Linguagem do documentário 4

cartas

Lelucha, Anísio Teixeira e Desenhos 5

ponto e contraponto

Por um documentário mais "inútil" 6

atualidade

Uma década on-line 10

pé na estrada

Juventude em pauta nos Núcleos de Adolescentes 11

zoom

Temas variados, gostos diversificados 14

capa

As 'coisas simples' da vida 16

artigo

Documentários na escola 22

carioca

Espaço de sonhos 24

professor on-line

Curiosidades cariocas 26

olho mágico

Lobato e Andersen inspiram concurso de argumentos 27

caleidoscópio

Princípios Educativos e Núcleos Conceituais 29

rede fala

CEC: espaço de participação política e valorização da cidadania 31

agenda

Oficinas, congresso e exposições 33

tudoteca

dicas de livros, filmes e vídeos 34

cartaz

Paternidade responsável

giramundo

Linguagem Fotográfica



Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
CEP 22260-210 - www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Maria Inês Delorme Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628)
• Élide Vaz Assessora de comunicação e ouvidora • Antonio Castro Gerente de Artes Gráficas
• Guaira Miranda Coordenadora de Artes Gráficas

Equipe de produção: Cristina Campos e Joanna Miranda Conteúdo • Hugo Rangel de Castro e Souza e Leonardo Simmer Amorim Reportagem • Priscila Fagundes Estagiária • Martha Neiva Moreira Edição • Alberto Jacob Filho Fotografia • Guaira Miranda e Luciana Gobbo Projeto gráfico e diagramação • Nancy A. Soares Revisão • Elias Moraes Produção gráfica

Esdeva Indústria Gráfica S/A Impressão CTP • Tiragem 36.500 exemplares

Linguagem do documentário

Este número da Nós da Escola irá abordar o documentário contemporâneo.

Na década de 1960, mudanças técnicas no cinema resultaram em mudanças estéticas profundas – câmeras mais leves, captação direta do som foram inovações que determinaram transformações decisivas na linguagem do documentário, até então associada ao excesso de didatismo na exposição dos fatos e a uma nítida intervenção do cineasta na interpretação das imagens e sobre a realidade abordada.

No entanto, a presença do tema documentário numa revista dirigida a educadores relaciona-se, principalmente, ao enorme potencial educativo dessa linguagem que, além de nos permitir uma reflexão acerca do impacto das transformações tecnológicas sobre nossa sensibilidade e nossas maneiras de pensar e viver, permite-nos trabalhar questões relacionadas à intertextualidade – ao contar e recontar uma mesma história. A revista abordará ainda aspectos relacionados ao modo de realizar documentários, como tornar mais barata, fácil e acessível a produção.

Esta nova edição da Nós da Escola permite, portanto, aprofundar nosso conhecimento acerca da linguagem do documentário e, sobretudo, incluí-la na agenda educacional contemporânea.



Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação



Lelucha

A Revista Nós da Escola é uma festa para mim. No entanto, estou um pouco triste pois enviei um convite para o lançamento do meu livro na 12ª Bienal e não tive nenhuma resposta. Mesmo assim, envio dois exemplares para o Núcleo de Publicações. É um texto sucinto, que evidencia a importância da solidariedade, da fraternidade e do companheirismo, além de ressaltar a perseverança como aliada nas grandes conquistas (...).

Sonia Maria do Nascimento Alves
Escola Municipal Gastão Monteiro Moutinho

N.R. Recebemos, de fato, o seu convite, mas, infelizmente, não a tempo de ser publicado na edição em que fizemos matéria informativa sobre a 12ª Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro. Aproveitamos o espaço para publicar a foto de seu novo lançamento, "Seguindo Lelucha". Parabéns!

Anísio Teixeira

Gostaria de solicitar a inserção na vossa programação do Especial Anísio Teixeira. O motivo deve-se ao fato de em 12 de julho comemorar-se mais um aniversário deste que foi, sem sombra de dúvida, o maior filósofo da Educação do Brasil.

Fernando Magalhães
Professor licenciado em História, mestrando em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pesquisador associado à Sociedade Brasileira de História da Educação

N.R. Sua solicitação foi atendida, o programa especial sobre Anísio Teixeira foi ao ar no dia 12 de julho. Informamos ainda que a revista Nós da Escola nº 25 traz uma seção inteiramente dedicada ao educador, com biografia e fotos de época.

Desenhos

A equipe da Revista Nós da Escola agradece os trabalhos feitos pelos alunos e enviados pelos professores do Centro Rinaldo Delamare, aproveitando para informar aos demais docentes que continuamos recebendo os desenhos para a publicação.



Escreva para o Núcleo de Publicações da MULTIRIO:
Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210
Rio de Janeiro ou mande um e-mail para multirio_dpub@rio.rj.gov.br
Visite nosso site www.multirio.rj.gov.br

Por um documentário mais

Quem assistiu Nelson Freire sabe que João Salles possibilitou ao público uma experiência quase sensorial ao captar de forma sutil o universo complexo, fechado e inacessível de um dos maiores pianistas brasileiros. A elegância e a delicadeza com que o diretor consegue equilibrar o silêncio intransponível do artista e sua prolixidade musical dá o tom exato do nível de subjetividade que Salles defende na arte de fazer documentários. Profundo conhecedor de literatura, que busca inspiração nas imagens criadas por um tipo de jornalismo que hoje não existe mais, aquele extremamente preocupado com a forma, e também nas pinturas dos grandes mestres, ele **acredita que esse gênero de filme deve suscitar mais reflexão do que resposta**. “Responder não é papel do documentário”, diz. Por isso mesmo ele é veemente contra a exigência que o documentário seja útil: “Existem documentários didáticos. E eles têm sua função, mas são feitos para produzir um determinado efeito. Acho legal filmes como “Edifício Master”. Qual utilidade prática de ver “Edifício Master”? Nenhuma. No entanto, faz bem à alma, ao espírito”.

Por que fazer documentários?

Não sei se tenho uma boa resposta para isso. O mundo, do jeito que ele é, me é suficiente. Consigo sair, olhar e encontrar coisas que despertam a minha curiosidade, minha vontade de criar narrativas em torno delas. Cinema é isso, criar uma história e criar uma forma para narrar. Tem gente que recorre ao mundo da imaginação. Outras pessoas se bastam com o mundo como ele é. O que não quer dizer que o documentarista é apenas uma espécie de reproduzidor do mundo. Ele modifica o mundo na hora em que filma, seja na ficção ou no documentário. “Notícias de uma guerra particular” não é um filme sobre a violência do Rio de Janeiro, é um filme sobre como eu vejo a violência no Rio de Janeiro. É o meu ponto de vista. Então a sensação de criação está presente no documentário, o desejo de moldar o mundo ao seu ponto de vista está presente no documentário tanto quanto estaria presente na ficção. Gosto do tamanho do documentário, gosto da equipe caber dentro de uma Kombi, gosto do improviso na externa, da idéia de você sair de casa sem saber o que você está fazendo, de não ter o take 2, de não poder fazer de novo. Fazer documentário é uma constante corrida atrás do mundo e isso, para mim, é muito estimulante.

Você diz que o acaso é parceiro do documentário, o que me remete à idéia de experimentação...

Essa é uma das características essenciais do documentário. Não há razão para fazer mais um documentário se não for para pensar sobre a forma de narrar, fazer uma experiência. Há documentaristas já experimentados que tendem a achar que o documentário se esgota no assunto. Esse tipo de filme acaba sendo conservador e fracassado. O documentário é, sobretudo, não o que ele conta, mas como ele conta o que ele conta.

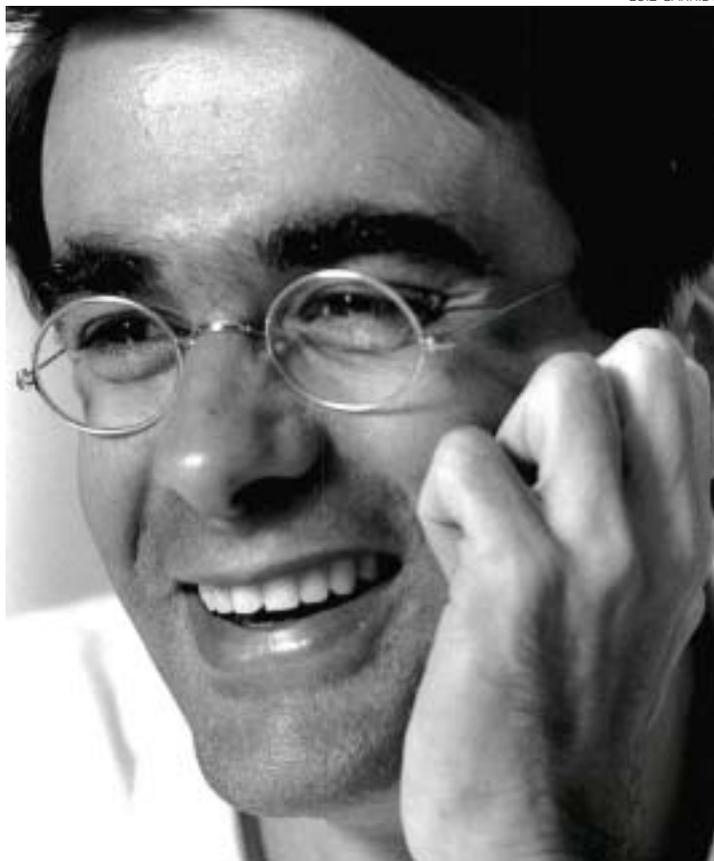
“inútil”

O discurso jornalístico também conta uma história sobre um fato que está aí no mundo. Que relação você estabelece entre documentário e jornalismo?

Existem grandes semelhanças e diferenças. Se você fizer esta mesma pergunta para três ou quatro documentaristas as repostas serão completamente diferentes. Não há dúvidas que são discursos sobre o mundo. O jornalismo é basicamente um discurso sobre o mundo em que o importante é a veracidade da informação. Você destrói uma peça jornalística quando ela está factualmente errada, mas não dá para fazer o mesmo com o documentário. Vou dar um exemplo: há um filme do Eduardo Coutinho chamado “O Santo Forte” que tem uma personagem, a mais forte do filme, que no momento em que percebe que a filha está tomando conta da cena reage passando a contar uma história sobre sua irmã que morreu na fila do banco porque foi possuída pela Pombagira. Não importa se foi pombagira ou não. Não se destrói a força da fala dessa personagem provando que ela está dizendo uma coisa inverídica. O que importa é a fé que ela põe na narrativa, é ela ter tomado para si o filme naquele momento.

A questão do documentário, então, não é a questão da verdade como a do jornalismo.

Eu diria, de forma mecânica, que o documentário pertence tanto ao mundo da informação quanto ao universo da experiência. O que importa é transmitir ao espectador uma experiência. Em Nelson Freire não importa saber o que ele ganhou, quantos CDs ele vende. O jornalismo faz isso com mais eficiência e rapidez, o documentário tem que dar ao espectador uma certa experiência em Nelson Freire que não tem nada a ver com a informação sobre Nelson Freire. Uma diferença adicional entre jornalismo e documentário é que claro que o jornalismo, o melhor jornalismo, tem uma preocupação com a forma, mas fundamentalmente ele está falando



LUIZ GARRIDO

de uma coisa que é exterior a ele. O documentário é a própria coisa. O grande documentário se contém em si mesmo, não precisa se referir ao mundo, não precisa se comparar ao mundo. Para medir se Nelson Freire é bom ou não, não é preciso comparar o meu filme ao verdadeiro Nelson Freire.

Você fala em Nelson Freire e eu logo penso que o documentário me leva a refletir sobre a idéia de pudor. Você acha que personagens de documentário funcionam, muitas vezes, como metáforas sobre um tema qualquer?

O documentário que tenta eliminar as ambigüidades, que tenta explicar tudo é fraco. Eu acho que o documentário tem que ter reticências, não tem que ter a pretensão de responder tudo. Responder não é papel do documentário. O documentário piorará se controlar a reação do público, o que é possível fazer.

Como?

Todo o filme militante, todo o filme que utiliza um determinado tipo de narração, todo o filme que tenta dizer ao espectador o que ele deve achar de uma determinada seqüência, e existe uma longa tradição de documentários nessa veia, são documentários que não “acreditam” na ambigüidade, que não “acreditam” na capacidade do espectador de achar uma coisa diferente daquilo que eu acho. O documentário que eu defendo é aquele que deixa o espectador achar que o personagem, como Nelson Freire, por exemplo, é uma metáfora do que ele (o público) quiser. É uma questão muito mais do público do que minha. Aprendi com o Eduardo Coutinho que o personagem, quando se torna metáfora, passa a ser desrespeitado, passa a representar uma classe, um tipo social e, portanto, eu vou buscar nele não o que ele tem de irredutível, que é o que mais me interessa, mas o que é comum nas pessoas.

E isso não te interessa...

O que é comum nas pessoas me interessa muito menos do que aquilo que é irredutivelmente particular a cada um. O documentário é tudo ao mesmo tempo. Tem gente que vai discordar de mim, vai dizer que o que interessa a ele são os tipos sociais. Se essa mesma pergunta fosse feita a um documentarista da vanguarda soviética ele diria que o indivíduo não o interessa. O que importa para ele é a classe social. Quando filma um operário, então, esse documentarista não quer saber o sobrenome dele, onde ele mora, ele quer saber como este operário se insere no modo de produção, como ele representa a classe da qual ele faz parte. Tudo o que é particular não interessa, interessa o que é comum. A mim me interessa o que é radicalmente particular, intransferível. Nelson Freire não se parece com ninguém. Vou buscar o que te torna diferente, não o que te torna igual. O que é verdade e ao mesmo tempo não é.

Como assim?

Não é no sentido de que quando eu vou fazer um filme sobre aquilo que as pessoas julgam ser a diferença absoluta, o bandido, por exemplo, tal-

vez eu me interesse em encontrar nesse personagem aquilo que é igual a mim, buscar denominadores comuns. Por trás disso está uma certa concepção de mundo, um ponto de vista que está ligado a uma idéia de que as pessoas são ao mesmo tempo suficientemente diferentes para que elas sejam individualidades irredutíveis e suficientemente iguais para que, mesmo diante da diferença absoluta, como o bandido, consigam se reconhecer. O que não significa justificar este bandido. Então, quando eu estou diante daquele que é tratado por todo mundo como perverso, patológico, me interessa saber se em determinada circunstância eu não poderia estar do lado de lá.

Por que ter contato com a linguagem do documentário na escola?

Eu sou um grande entusiasta das coisas gratuitas, inúteis, das coisas que não são feitas com propósito claro. Vivemos em uma sociedade tão utilitária, que tudo é feito com um fim, seguindo determinadas estratégias. Quando você me pergunta por que eu faço documentário e como pode ser aproveitado em sala de aula, o mais maravilhoso é que eu não sei. Mesmo um filme tão distante da realidade da maioria das pessoas como Nelson Freire pode despertar em quem vê uma idéia que nunca me ocorreu. Isso é bacana. A pessoa pode ver o filme e descobrir que Villa-Lobos é bonito. Isso já é bom. Ou vai ver “Notícias de uma guerra particular” e descobrir que queria ser policial e não quer mais. Não dá para medir. Acho importante que o documentarista não queira controlar a reação das pessoas.

Mas há um tipo de documentário que vai de encontro a essa concepção e que pode ser chamado de didático...

Existem documentários didáticos. E eles têm sua função, mas se inscrevem nessa lógica utilitária que eu falei antes. Feito para produzir um determinado efeito. Acho legal documentários como “Edifício Master”, por exemplo. Qual é a utilidade prática de ver “Edifício Master”? Nenhuma. No entanto, faz bem à alma, faz bem ao espírito. Talvez faça com que você descubra que tem histórias maravilhosas

“O documentário que tenta eliminar as ambigüidades, que tenta explicar tudo, é fraco”

no seu prédio. Talvez faça você passar por Copacabana e olhar um determinado prédio e pensar que ali tem uma efervescência de boas histórias. Acho que não se deve exigir de todos os documentários uma intenção evidente. A riqueza está exatamente na possibilidade do filme deflagrar processos que, eu como documentarista, jamais pensei que pudesse ocorrer: é bacana alguém que tenha visto um documentário e decida virar poeta, ou decida fazer uma viagem à Índia. Essa imprevisibilidade no contato do espectador com a obra é que faz a obra ser tão rica.

Como a poesia...

Não quero de jeito nenhum dizer que o documentário se parece com a poesia. Parece que estou reivindicando o lirismo, a beleza, o desprendimento do poeta. O documentário muitas vezes é sujo, fere as pessoas, comete erros éticos; mas eu faço a relação com a poesia só por uma questão: ninguém lê poesia para ganhar mais dinheiro ou para melhorar de vida ou para subir na firma. Ninguém lê poesia como se lê a revista “Veja”. Quem lê poesia, lê por outras razões. E eu acho que algum tipo de documentário deveria permitir ao espectador essa mesma fruição gratuita da poesia. Você vê e se acontecer alguma coisa ótimo, se não acontecer também é bom. É uma educação dos sentidos, da vida. Eu sou militantemente contra a exigência que um documentário seja útil.

Mesmo um documentário como “Entreatos”, que à primeira vista, é informativo, e, como tal, poderia funcionar como um documento sobre a campanha do presidente?

Durante a montagem de “Entreatos” acabei optando por escolher tudo que não era *hard news*, informação. E acabou se tornando um filme de tempo fraco e não de tempo forte. O que interessa ao jornalismo é o discurso de palanque, é a pré-reunião do ministério é tudo que tem desdobramento na vida do brasileiro. E tem que ser assim. Eu acabei fazendo um filme que é tempo jogado fora. É a conversa fora depois entre os momentos importantes da campanha. Foram 33 dias de filmagem, 170 ho-

ras de material. Eu filmei tudo, todos os eventos e como documento jornalístico acho que tudo isso é ótimo, mas acabei usando tudo aquilo que não é isso, tudo que se joga fora. Os intervalos.

Essa idéia de aproveitar o que aparentemente não tem importância é fundamental ser dito porque o senso comum acredita que um filme/documentário só se faz com grandes histórias.

Até hoje o elenco básico do documentário feito aqui refletia nosso drama social. É um filme sobre a favela, sobre o drama da seca no Nordeste, sobre a violência etc. É quase sempre um filme de quem tem sobre quem não tem. Isso é importante que seja feito, mas tem limites. É muito raro um documentarista filmando alguém parecido com ele. O Arnaldo Jabor fez nos anos 60 um filme sobre a realidade da classe média que morava em Copacabana. É importante olharmos para o lado.

Onde você vai buscar referências para criar seus filmes? Você já falou várias vezes em entrevistas que lê muito.

Não só a literatura e não é necessariamente um escritor ou um livro. É tudo aquilo que chama atenção, me faz prestar atenção naquilo que não prestava antes. Essa boa capacidade de dizer aquilo que você julga desinteressante é bacana. Dê uma olhada. Têm escritores que fazem isso bem, têm pintores que fazem isso bem e têm jornalistas que fazem isso bem. Eu diria que uma influência direta ao meu trabalho vem do jornalismo. Mais de um determinado tipo de jornalismo que não vemos mais por aqui, que traz uma narrativa muito pessoal, do particular, um jornalismo literário que tem um exercício sobre a forma. Um jornalismo preocupado em contar a história, mas também em contar a história de um determinado jeito. Não vejo diferença nenhuma entre esse tipo de jornalismo e documentário. ■

Uma década on-line

Internet brasileira comemora dez anos de abertura ao grande público

Em 1997, Gilberto Gil compôs uma música chamada "Pela internet". A canção festejava as possibilidades criadoras e interativas da rede mundial de computadores: "Criar meu website/Fazer minha home-page/Com quantos megabytes/Se faz uma jangada/Um barco que veleje/Que veleje nesse infomar/Que aproveite a vazante da infomaré". "Pela internet" fez sucesso na mesma época em que a internet comercial se consolidava no Brasil, dois anos depois de aberta ao grande público.

A portaria 004/95 do Ministério das Comunicações liberou a operação comercial da rede no país, criando a figura do **provedor de acesso privado** e proibindo as empresas de telefonia de fornecer o serviço ao usuário final. Por força dessa portaria, hoje, mesmo os serviços de **banda larga** oferecidos por estas empresas necessitam da intermediação de um provedor de acesso. Antes, a utilização estava restrita principalmente ao meio acadêmico. No dia 31 de maio do mesmo ano de 1995, foi criado o Comitê Gestor da Internet, responsável pelo domínio "br".

Dez anos após a abertura, o Brasil tem hoje cerca de 30 milhões de usuários, sendo 11 milhões domiciliares, e o número de internautas vem aumentando. Os avanços tecnológicos e operacionais crescem acompanhando essa demanda. A velocidade das conexões vem se multiplicando. Os provedores rápidos, de banda larga, chegaram em 1999. Canais de TV a cabo e operadoras de telefonia ganharam o direito de prover acesso e oferecerem acesso com velocidades de até 256 Kbps. Hoje já existem serviços cerca de dez vezes mais rápidos. Diversão, serviços e sites governamentais dominam a presença na rede.

Paralelamente às comemorações de uma década de internet aberta ao grande público está o desafio de superar a exclusão digital. No Brasil, a porcentagem de usuários ainda é baixa: apenas 17,5% da população. Apesar do gigantesco número de pessoas sem acesso ao ambiente on-line viver ignorando seus símbolos, vocabulário e interferências diretas no dia-a-dia, mesmo dos excluídos digitais, parece uma possibilidade remota. Palavras como "e-mail", "website", ou símbolos como @ e www já fazem parte do cotidiano e da linguagem da mídia em geral.

Para a escola pública, o problema vai além da questão de ter ou não computadores em sala de aula; a discussão precisa também girar em torno das maneiras de aproveitamento deste que pode ser um importante instrumento a mais para a rotina educacional, e não a resposta para todas as questões que surgem para o professor na rotina escolar.

O matemático Seymour Papert, membro do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, onde fundou o Laboratório de Inteligência Artificial, esteve no Brasil no início de julho e falou sobre educação e inclusão digital em palestra na PUC-RJ e no programa "Encontros com a Mídia", da MULTIRIO. Segundo ele, "estamos chegando a um estágio em que devemos repensar o conteúdo que é ensinado na escola e de como ele vem sendo transmitido. Acredito que, a partir do momento em que cada estudante tiver o seu próprio laptop, haverá uma mudança significativa no aprendizado das crianças. Quando há um computador em cada mesa ele não acumula poeira, ele força uma mudança. Nenhum professor fica imune, estático, a esta situação". A revista Nós da Escola de setembro trará uma entrevista com Seymour Papert na seção Ponto e Contraponto. ■

Provedor - Empresa que fornece acesso à Internet, por meio de uma assinatura mensal

Internet de banda larga - Conexão rápida, com linha telefônica desocupada e alta capacidade de transferência de arquivos

Modem - Equipamento que permite a comunicação entre computadores, por meio de uma linha telefônica

Kbps - Kilobits por segundo. Capacidade de transferência de dados via web

Juventude em pauta nos Núcleos de Adolescentes

Projeto completa 10 anos em 2005 e já conta com **105 unidades em funcionamento** pela Rede

Deparar-se com um círculo formado por jovens simulando o impacto das drogas no cérebro humano. A princípio, pode parecer uma idéia um pouco atípica, mas, para cerca de 3.100 alunos da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, a dinâmica faz parte de um dos enfoques do trabalho dos Núcleos de Adolescentes Multiplicadores (NAM), uma proposta do Projetos de Extensão – Meio Ambiente e Saúde da Secretaria Municipal de Educação (SME), em parceria com as Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) e unidades escolares.

Os Núcleos buscam trabalhar, junto aos adolescentes de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, o Programa de Orientação Sexual (POS) e Prevenção do Uso Indevido de Drogas na perspectiva dos Direitos Humanos, além da Educação Ambiental. “O objetivo é lidar com o universo dos jovens e fazê-los vivenciar as informações que oferecemos”, resalta o Coordenador de Núcleo de Adolescentes Multiplicadores da Escola Municipal Presidente Arthur da Costa e Silva - 2ª CRE, Ivonilton de Barros Fonseca.

Em 2005, o Projeto dos NAMs completa 10 anos e atinge um quadro de 105 Núcleos, uma realidade na formação de alguns alunos da Rede que participam de debates, dinâmicas, pinturas e colagens, ensaios de peças teatrais, pesquisas, entre outras atividades, discutindo temas como, por exemplo, identidade, sexualidade, prevenção do uso indevido de drogas, cidadania, qualidade de vida e relação dos jovens com as suas



famílias. Para Joana Paula Augusto, de 13 anos, a intenção é passar adiante as informações obtidas no Núcleo e amadurecer com o aprendizado. “Espero conseguir ter um compromisso fora da escola e, assim, poder passar o que aprendi nas dinâmicas. Quero continuar atuando mesmo com o término da minha participação”, afirma a estudante.

Para muitos alunos, participar do Núcleo ajuda, também, a criar novas responsabilidades e refletir sobre assuntos do universo adolescente, como, por exemplo, fatores de proteção e prevenção às drogas. Estas iniciativas contribuem para a proposta das escolas discutirem questões com informações científicas corretas, que busquem o autoconhecimento dos jovens e atitudes baseadas em escolhas responsáveis. “Além de ser um trabalho pautado na reflexão sobre os temas, os alunos também vão incorporando uma ação de protagonismo, e elaborando ações educativas voltadas para a multiplicação dessas temáticas junto aos seus colegas, amigos de outras escolas, em outros espaços e em seminários”, explica a Supervisora do Projetos de Extensão – Meio Ambiente e Saúde, Marcia Regina Vinchon Mattos Sandins.

Antônio Carlos de Araújo, de 15 anos, Juliana Honorato e Rosally Batista, de 14 anos, participam do NAM na Escola Municipal Presidente Arthur da Costa e Silva há menos de quatro meses, mas as respostas às atividades já começaram a aparecer. Para eles, o principal resultado, até agora, é um melhor relacionamento com os pais, além da promoção de um “papo adolescente” mais solidificado e com visíveis atuações dentro e fora da escola. “Muitas pessoas têm medo de falar sobre as transformações do corpo com os pais, por exemplo, e o Núcleo pode nos ajudar nisso”, disse Rosally.

De acordo com a diretora adjunta da Escola Municipal Presidente Arthur da Costa e Silva, Sandra Elisa Caceli Cabral, o Núcleo de Adolescentes Multiplicadores ainda está em processo recente e experimental na escola, mas é um trabalho válido. “Quanto mais próximo estivermos dos alunos e eles de nós é melhor, pois facilita o nosso trabalho e o crescimento deles como cidadãos”, afirma a diretora adjunta. O professor coordenador Ivonilton lembra que o Núcleo de Adolescentes atua para que os alunos tenham ações responsáveis na comunidade escolar e nos demais ambientes que freqüentem. Para ele, o término do trabalho

Formação dos professores

Trabalhar a auto-estima, o emocional e a consciência crítica dos alunos são algumas das principais preocupações dos professores coordenadores, que buscam tornar os jovens responsáveis pelas próprias ações multiplicadoras. As temáticas discutidas exigem conhecimento, reflexão e pressupostos teóricos metodológicos, para isso há uma formação básica de professores coordenadores de Núcleo dinamizada anualmente pela SME. Regina Muller, da Equipe do Projetos de Extensão – Meio Ambiente e Saúde ressalta, no entanto, que as Coordenadorias Regionais também promovem reuniões com os seus Núcleos, além dos encontros mensais na SME. “É um trabalho com temáticas que exigem uma atualização muito cuidadosa, criteriosa e reflexiva”. Cada CRE tem a sua especificidade, mas Regina ressalta que os Núcleos de Adolescentes têm uma característica única de atuação no Rio de Janeiro: a formação de jovens participantes e multiplicadores.

“O Núcleo é um patrimônio da escola formado pelo professor, pelos alunos, pelas ações e pelos conhecimentos que eles vão produzindo e que acabam sendo disponíveis para os outros alunos da própria escola. É um trabalho que vai rompendo tabus e mitos”, ressalta Márcia Vinchon. Ex-alunos dos Núcleos sempre retornam às escolas para mostrar que o projeto de vida iniciado lá rendeu ações positivas. Muitos deles continuam participando das propostas dos Núcleos de Adolescentes Multiplicadores e passam a ensinar a outros jovens o que conseguiram assimilar na relação do “eu, o outro e o mundo”.

resulta no reforço da tomada de decisões dos jovens, buscando deles atitudes positivas como cidadãos. "Há, ainda, um reforço na auto-estima do aluno e uma tendência natural onde ele se percebe ator, participante e com um papel a cumprir. A atividade do núcleo é, acima de tudo, prazerosa para o aluno", ressalta.

O trabalho com os Núcleos de Adolescentes Multiplicadores exige uma articulação entre a SME, as CREs e as unidades escolares. O objetivo é integrá-los e propor que os professores e alunos envolvidos no projeto possam multiplicar as ações desenvolvidas junto à comunidade escolar, o que garante a abrangência da proposta. Os NAMs são coordenados por professores com dupla-regência capacitados por projetos desenvolvidos pela rede municipal de ensino e pelo programa POS e Prevenção ao Uso Indevido de Drogas. "A CRE realiza reuniões mensais com atualizações e socializações dos Núcleos e com troca de experiências que ocorrem nos diferentes Núcleos de Adolescentes Multiplicadores. É um espaço para permitir que o jovem mostre seu potencial numa atitude de protagonismo", ressalta a assistente do Gabinete da 9ª CRE e Coordenadora do Projeto, Islei Salloker Belsoff.

Uma espécie de presente para os jovens e um espaço democrático que permita aos alunos atuarem como elementos transformadores. Os Núcleos são formados por grupos em torno de 30 alunos. Para participar, os estudantes precisam apenas se inscrever voluntariamente nas escolas que fazem parte do programa e estarão dispostos a frequentar as reuniões em período alternativo ao turno de estudo.

Atualização - A 9ª CRE, em 2004, criou o Núcleo de Pré-adolescentes, um desdobramento dos NAMs, que trabalha com alunos na faixa etária entre 9 e 11 anos, adequando as linguagens e discutindo temáticas que obedecem à demanda das crianças. Outra novidade são os Núcleos Filhotes, uma experiência que vem acontecendo em algu-



mas Coordenadorias e representa a multiplicação de alunos dos Núcleos de Adolescentes atuando nas turmas de 1º segmento. Nos Núcleos Filhotes, os principais destaques são os alunos coordenadores, acompanhados por um professor responsável. Esta ação foi apresentada, pelos próprios adolescentes, num seminário sobre juventude e sexualidade.

Já os Núcleos de Adolescentes vêm desenvolvendo ações multiplicadoras também em espaços fora das escolas, como, por exemplo, em participação de gravações de programas da MULTIRIO, como o Abrindo o Verbo, em seminários, além de participarem, nas próprias escolas, de conselho de classe e outros eventos. ■

NOS ENCONTROS
PROMOVIDOS PELOS NÚCLEOS
OS JOVENS ENCONTRAM UM
ESPAÇO DEMOCRÁTICO PARA
DEBATER TEMAS DE
INTERESSE DELES.

Temas variados, gostos diversificados



Gosto de assistir a documentários históricos, tipo a trajetória de Charles de Gaulle.

Israel Ribeiro

Comportamentais, históricos, sociais, políticos. Os temas são variados e atendem a gostos diversificados. Os documentários vêm invadindo as telas dos cinemas brasileiros nos últimos anos. Há quem diga, como Anna Glogowski, curadora da terceira edição do festival Paris Cinema, realizado no final do mês passado na França e que exibiu cerca de 23 filmes verde-amarelos, que o "cinema documentário brasileiro vive uma idade de



Gosto dos que tratam de temas comportamentais, que mostram a vida, os costumes de outros lugares. Adorei os documentários do Michael Moore, "Tiros em Columbine" e "Fahrenheit". Também gostei muito sobre o que fala da história do ônibus 174, trata da vida real. Sou mais ligada às coisas cotidianas do que a documentários sobre animais, bichos na selva. Prefiro coisas mais humanas.

Camila Soares



Tenho assistido a documentários mais históricos, porque faço faculdade de História.

Rodrigo Ribeiro



Acho os documentários interessantes, trazem bastante informação e não apenas um enredo, mas para me chamar a atenção têm que ser sobre a história de lugares. Os últimos que assisti foram sobre o Rio, a Alemanha e a Áustria.

Rodrigo Machado



Estudei cinema e estou sempre assistindo documentários. Eles melhoraram, sem dúvida, nos últimos anos. Gosto de documentários que discutem o próprio documentário e isso não existia há algum tempo atrás.

Felipe Castelo Branco



Todo mundo que está fazendo alguma coisa quer mostrar a verdade, mas não sabe como fazer, como mostrar, de que jeito é. Sempre tem aquele “vamos mostrar a verdade”. A verdade é uma criança ali na esquina à toa, misturada com o pessoal grande, mas não sabe o que ela faz por trás daquilo, se faz um curso, se tem um lugar onde pode brincar, se tem um campinho onde ela joga futebol.

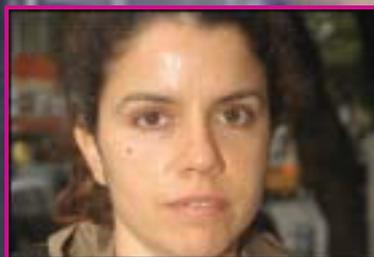
Monique da Silva

ouro”. A razão como não poderia deixar de ser é, segundo ela, a qualidade da nossa “escritura e sua comunhão com o público”. Bons, ótimos ou nem tanto, o fato é que tem mais gente fazendo documentários e outras tantas assistindo e gostando do que viu. A equipe do programa “Encontros com a Mídia”, que contou com a presença do documentarista Belisário Franca, foi saber se o carioca costuma ver esse tipo de filme e o que acha deles.



Um filme, uma megaprodução, tem ficção. Não mostra só a verdade, tem toda a questão da bilheteria, o sucesso. A gente não está pensando em bilheteria, em sucesso do filme, a gente está pensando em mostrar a realidade, a verdade, que é a comunidade. Então, acho que o documentário é bem diferente de um filme. Isso (o documentário) ajuda a comunidade, porque a gente não vai mostrar o lado ruim, o tiroteio, o bandido na esquina, a gente vai mostrar a mulher que trabalha, as crianças que estudam, as pessoas que se divertem nas ruas e à noite quando chegam cansadas do trabalho.

Cristiano Maciel



Gosto de documentários, pois eles trazem temas específicos e direcionados para o público. Prefiro sobre animais, saúde e universo e geralmente assisto nas TVs por assinatura.

Karina Saade

Vejo muito de documentários sobre animais, porque faço veterinária, mas gosto de documentários gerais, históricos, todos os tipos. Gosto bem de documentário, normalmente têm uma abordagem interessante.

Janaína Ribeiro





O documentário no Brasil tem dia, mês e ano de nascimento. Em 19 de junho de 1898, o italiano Afonso Segreto nem sequer havia desembarcado em solo brasileiro e já fazia as primeiras imagens documentais da Baía de Guanabara, a bordo do navio francês Brésil, que o trazia da Europa. Surgia ali não apenas a prática documental em nosso país, mas também a própria atividade cinematográfica nacional. Segreto não parou sua câmera Lumière por aí. O italiano tem ainda em seu “currículo” de pioneiro as imagens do terceiro aniversário da morte do marechal Floriano Peixoto e o desembarque da comitiva de Prudente de Moraes no Arsenal da Marinha do Rio de Janeiro. Nos anos que se seguiram às primeiras imagens de Segreto, o foco das lentes do início do século XX girava em torno da então capital do país em vertiginoso crescimento: as atividades cotidianas, os fatos históricos ou a beleza natural da cidade. Os registros eram, desde já, projetados nas salas de exibição. Um século depois, documentaristas do Brasil e do mundo vêm sendo redescobertos nos cinemas em virtude de um mérito muito próprio da linguagem específica deste gênero específico: um olhar crítico sobre as questões contemporâneas, sejam as mais corriqueiras ou aquelas mais complexas, sem a pretensão da luz da verdade sobre o que quer que seja, preferindo a ousadia da dúvida lançada no ar.

As 'coisas simples' da vida



FOTO DE ABERTURA DA
MATERIA: ALUNOS DA ESCOLA
MUNICIPAL GEORGE SUMMER
QUE PARTICIPAM DO PROJETO
JURO QUE VI

Em romance publicado em 2002, o prêmio Nobel de Literatura Günter Grass relata as buscas de um jornalista alemão por pistas acerca da “verdade” sobre seus pais, que só lhe aparece por meio de fragmentos da memória e recortes da História. Grass dá ao livro o título “Passo de caranguejo”, pois é assim que seu personagem principal se movimenta em suas averiguações: resvalando, tangenciando, fazendo movimentos cruzados. Esta lhe parece a melhor forma de tentar se aproximar de sua própria verdade.

O protagonista de “Passo de caranguejo”, apesar de sua experiência de condensar em artigos “tudo aquilo que a realidade despeja em nosso caldeirão de sopa”, aceita a premissa de que o conhecimento e a liberdade podem estar mais próximos das interrogações do que dos pontos finais; mais em harmonia com dúvidas do que com certezas. Numa síntese: mais vale a consciência de uma variedade de “verdades” do que a sede de verdade absoluta que feche questão sobre determinado assunto. A postura do personagem de Grass não é aquela tacitamente receitada pelo senso comum, que exige respostas imediatas para uma realidade incessantemente problemática.

Cornelius Castoriadis alertou para uma questão metodológica das reflexões contemporâneas: mais importante do que responder às perguntas em pauta é levantar novas questões que não figuram nas agendas oficiais. Subjacente à preocupação do sociólogo norte-americano está a incessante busca humana por certezas que sirvam-lhe de instrumental para a condução do seu dia-a-dia, sua movimentação num cotidiano que lhe apresenta problemas pragmáticos, com os quais precisa lidar tendo à mão uma gama de concei-

tos, predisposições e soluções não menos pragmáticas, essenciais aos embates da vida comum.

A professora Maria do Carmo Brant de Carvalho, em seu livro: “Cotidiano: Conhecimento e crítica”, escrito em parceria com José Paulo Netto, diz que “a vida cotidiana é aquela vida dos mesmos gestos, ritos e ritmos de todos os dias: é levantar nas horas certas, dar conta das atividades caseiras, ir para o trabalho, para a escola, para a igreja, cuidar das crianças, fazer o café da manhã, fumar o cigarro, almoçar, jantar, tomar a cerveja, a pinga ou o vinho, ver televisão, praticar um esporte de sempre, ler o jornal, sair para um “papo” de sempre, etc... Nessas atividades, é mais o gesto mecânico e automatizado que as dirige que a consciência”.

“Mesmo os sonhos e desejos construídos no dia-a-dia, no silêncio e no devaneio, não representam um ato de consciência”, escreve Maria. A possibilidade de lançar dúvidas sobre a cotidianidade inscreve-se tanto nas potencialidades transformadoras individuais quanto nos sonhos e desejos de realizações coletivas. Nos últimos anos, o documentário vem se consolidando como um gênero cinematográfico bastante crítico das verdades constituídas pela naturalização da vida comum, das verdades oficiais e das verdades historicamente constituídas. O curioso é que esta visão crítica da realidade não vem apenas do olhar crítico sobre determinado fato, personagem ou situação que sejam objetos do registro documental; ela está também nas próprias especificidades da linguagem do documentário, suas perspectivas e maneiras de se materializar.

Eduardo Coutinho, autor de “Edifício Master”, “Peões”, entre outros, costuma dizer que não é

IMAGENS DO DOCUMENTÁRIO
SOBRE ANÍSIO TEIXEIRA,
PRODUZIDO PELA MULTIRIO

O MESTRE ANÍSIO TEIXEIRA
A SUSPEITA
OUVE CRIME



Emoção
na morte
do mestre



tarefa do documentário informar, educar, porque isso deve ser a tarefa do jornalismo. Ele diz que o documentário mostra maneiras diferentes de ver o mundo. Ora, o que é o mundo senão um resultado sempre em transformação das diferentes maneiras de enxergá-lo? O que é lidar com o próprio cotidiano de forma crítica senão conhecer estes conflitos que, do plano macro ao plano micro, afetam a tudo e a todos?

Vive-se uma época de muitas produções documentais, especialmente no Brasil. Esse gênero consagrou-se muito pelo seu baixo custo de produção e principalmente porque impõem critérios pouco limitantes em relação à exploração da linguagem e formas de expressão. Para se ter uma idéia, quando o festival internacional de documentários “É Tudo Verdade” foi criado, em 1996, o evento reuniu 50 filmes brasileiros. Nesse ano de 2005, esse número foi cinco vezes maior. O documentário está cada vez mais ocupando um lugar de destaque nas salas de cinema, e sua audiência já domina cerca de 15% das exibições no país. Um salto muito grande em relação aos índices de 1% a 2% de poucos anos atrás. Nos últimos tempos, o documentário no Brasil parece estar alcançando junto ao público um prestígio semelhante ao dos filmes de ficção. “Janela da Alma”, de João Jardim e Walter Carvalho, arrebatou cerca de 200 mil espectadores. “Paulinho da Viola”, de Isabel Jaguaribe, bateu a marca dos 70 mil. Há cinco anos seria inimaginável tamanha explosão.

Mas o que o documentário tem de especial para que sua linguagem venha se tornando um instrumento eficaz para lançar dúvidas tanto sobre o dia-a-dia corriqueiro ou sobre fatos e temas que afetam o dia-a-dia de todos? Quando se trata de definir conceitualmente o documentário, o único

O documentário no Brasil

“Um documentário não é somente a documentação de alguma coisa. Ele é mais do que isso. É a visão do autor sobre o que está sendo documentado. Há uma escola de documentários que só agora está começando a se formar no Brasil e que é exatamente essa escola do documentário mais reflexivo, como uma oposição a um documentário não-reflexivo, um documentário que apenas mostre as coisas. O Brasil tem grandes condições de contemplar tanto um quanto o outro, porque o país, pela sua extensão territorial, pela sua multiplicidade de culturas é um manancial muito grande para que se mostre coisas que as pessoas não conheçam. Essa é a documentação pura e simples. Por outro lado, o Brasil é um problema. Com tantas questões pendentes, onde você encontra um universo novo, um universo social, um universo econômico, um universo antropológico novo. Então, eu acho que, dessa forma, também o Brasil é um lugar onde essa visão pessoal do próprio país pode ser explorada com muita força, com muita profundidade. Essa escola de documentário começa a se criar agora no Brasil e, evidente, é necessário que haja um desenvolvimento de espaços também para que esses documentários, primeiro, possam ser exibidos e, segundo, possam cair no gosto popular. Não interessa apenas você realizar documentários para que eles sejam exibidos em alguns festivais, e eventualmente numa TV a cabo. Essa não é a tradição que ocorre nem no Japão, nem na Inglaterra, por exemplo, onde os documentários ocupam os espaços nobres, tem grandes audiências, e uma demanda muito grande por parte do público. Esse é o ponto em que pretendemos chegar.”

(Nelson Hoineff, crítico de cinema, produtor e documentarista)

consenso entre os documentaristas é exatamente a dificuldade de conceituação. Destaca-se principalmente a prática e a multiplicidade de experimentações. Ainda assim, há tentativas de responder a esta pergunta aparentemente simples: **O que é documentário?**

O precursor do termo foi o escocês John Grierson, criador da escola britânica de documentário, a primeira no mundo a se debruçar sobre os estudos conceituais do gênero, nos anos 1930. Vem de Grierson o reconhecimento da produção cinematográfica enquanto produção autoral específica, conforme entendemos atualmente.

O cineasta Richard Barsam caracterizou o gênero documentário como sendo aquele cujos

O documentário é a possibilidade artística que surge a partir da capacidade de registro da realidade. Assim, condensada em pequenos pedaços de tempo, a contemplação do mundo não é senão uma ilusão onde a poesia adquire valor de verdade.
(Noé Rodríguez y Xilesa Franco)





“filmes que registram, em película, fatos que ocorrem naturalmente em frente à câmera ou que são reconstruídos com sinceridade e por necessidades devidamente justificadas”.

Tal definição pode ser considerada demasiadamente didática, quase digna da categoria de verbete dos melhores dicionários, ao contrário da conceituação quase enigmática de Jean-Luc Godard: “Todos os grandes filmes de ficção tendem ao documentário, como todos os grandes documentários tendem à ficção. E quem opta a fundo por um encontra necessariamente o outro no fim do caminho”.

Imprevisível como a vida - Durante o I Festival Internacional de Documentários de Madrid, realizado em 2004, os organizadores pediram aos participantes que definissem em poucas palavras o que seria o documentário. As respostas constariam em posterior publicação sobre o evento. No capítulo “Reflexões em torno de um conceito”, entre as várias aspas de diversos cineastas, uma das definições mais sucintas é a de Fernando Mozart, documentarista e assessor especial da presidência da MULTIRIO: “Ninguém dá uma de-

finição definitiva sobre documentário, mas todo mundo sabe o que é”.

Diretor dos premiados “Os outros” e “Porão”, Fernando diz que parece uma pergunta simples com resposta simples, mas na verdade é uma pergunta simples com resposta complexa, com múltiplas interpretações. Há pessoas que definem documentário por oposição à ficção – o documentário seria um gênero não ficcional. Mas ele lembra como esse caminho é problemático para abranger, por exemplo, o docudrama (gênero que mistura ficção com documentário), ou para oferecer algum argumento “quando alguém resolve questionar a “verdade verdadeira” que teria por trás de um determinado plano que foi enquadrado pela perspectiva de um autor. Ou seja, aquilo que uma pessoa vê sobre um determinado fato já está prenhe de **interpretação sobre esse fato**”.

Essa perspectiva particular já traria todo um território de subjetividade para aquela pretensão documental, quase jornalística, de colher a realidade em toda sua plenitude. Ainda assim, existem documentários com essa postura mais jornalística. Por outro lado, a tendência que vem se consolidando no âmbito do gênero documental é aquela de cunho ensaístico, onde a interpretação do objeto em foco é totalmente assumida, assim como a interferência dessa postura particular declarada no resultado final – o autor se assume como autor e continua fazendo documentário. Indiretamente, existe nesses documentários com viés ensaístico um questionamento da própria possibilidade de o documentarista dar conta de um determinado tema, personagem, ou fato em si, **livre das interpretações de quem observa**.

Segundo Fernando Mozart, nesse tipo de produção o documentarista “não só pode tomar partido de

Documentário: Um ponto de coerência entre a realidade e a ficção. (Luis Pancorbo)

Devemos liberar o documentário da obrigação de restituir a realidade da forma mais objetiva possível. (Josep Lluís Fecé)

Sobre a objetividade jornalística

Não há dúvida de que a chamada “objetividade jornalística” esconde uma ideologia, a ideologia burguesa, cuja função é reproduzir e confirmar as relações capitalistas. Essa objetividade implica uma compreensão do mundo como um agregado de “fatos” prontos e acabados, cuja existência, portanto, seria anterior a qualquer forma de percepção e autônoma em relação a qualquer ideologia ou concepção de mundo. Caberia ao jornalista, simplesmente, recolhê-los escrupulosamente como se fossem pedrinhas coloridas. Essa visão ingênua possui um fundo positivista e funcionalista. Porém, não é demais insistir, essa “ideologia da objetividade” do jornalismo moderno esconde, ao mesmo passo que indica, uma nova modalidade social do conhecimento, historicamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo e dotado de potencialidade que o ultrapassam. (Adelmo Genro Filho, no livro “O Segredo da Pirâmide – por uma teoria marxista do jornalismo”)



múltiplas linguagens, no contexto do documentário, como se assume com sua subjetividade explícita. Ele não nega a existência dos fatos mas o tempo todo está opinando, o tempo todo está interferindo”.

Fernando ressalta que existe algo interessante no processo mesmo de realização do documentário – diferente do processo de realização da ficção – que se configura também numa característica do filme documental: a metodologia de trabalho com hipóteses e caminhos que serão mais ou menos desenvolvidos, ou irão ser completamente modificados pelo processo de sua efetivação enquanto filme. “Na ficção existe um argumento, um roteiro fechado. O diretor realiza o filme conforme esse roteiro e faz modificações pequenas no processo de realização. Já no filme documental existe um argumento, existe até um roteiro, que muitas vezes é apenas uma hipótese de trabalho. Mas esses roteiros tendem a se “confrontar” com o momento da captação de imagem e som, que proporciona um conjunto de elementos não previsíveis, os quais serão incorporados ou não na edição final, em função desse choque entre a hipótese e o que vai acontecer na entrevista ou no acompanhamento de determinado personagem. Não há como dirigir os personagens do documentário como se fosse uma ficção. O personagem vai acabar conduzindo o documentário de uma maneira que pode até negar a premissa inicial do documentarista”. Essa imprevisibilidade pode tornar o gênero ainda mais interessante.

Fernando avalia que o documentarista que não está atento a essas possibilidades, aquele que pretende controlar excessivamente, pode perder a oportunidade de flagrar a riqueza que emerge no processo de realização do filme.

Segundo ele, “essa riqueza é muito legal porque tem uma analogia com a vida tal como ela é. Imagi-

ne uma pessoa fazendo planos em relação à sua vida. Caso ela assuma uma postura de se agarrar a seus planos de maneira muito fechada, provavelmente vai se frustrar muito, porque adiante vai aprender que a vida não é feita só de planejamento. Não existe controle integral sobre a vida, porque a quantidade de variáveis imprevisíveis à sua frente é muito grande. Então um pouco da sabedoria da vida é conseguir articular as intenções, os planejamentos, até mesmo as ferramentas de controle, com o outro campo, que não é planejável: o acaso, o eventual, o imprevisível, o surpreendente, o que é governado por forças que vão além de você. Relacionar planejamento com as surpresas que aparecem adiante. Esse é desafio da vida, um bom desafio, o mesmo do documentário”.

Documentário na escola - A analogia da linguagem do documentário com as ambigüidades da vida já justificaria sua utilização em sala de aula como um recurso interessante a mais. Mas o potencial desse gênero cinematográfico no contexto da escola é ainda maior. Enquanto material audiovisual com características informativas, o documentário tende a ser mais rico que o material telejornalístico. Fernando Mozart avalia que o documentário pode ajudar a abrir as portas da escola, pois os vídeos podem ser um instrumento auxiliar para levar o aluno a outras culturas, outras geografias, outros ambientes; ou até o mundo do inacessível diretamente: o microcosmo, o macrocosmo, o mundo da ciência complexa ou o mundo científico invisível. Porém, a importância maior do documentário parece ser a possibilidade de, desvendando sua linguagem, refletir a relação com a chamada “realidade”.

No jornalismo vende-se um discurso de fidelidade à realidade, uma certa objetividade, que há muitas décadas foi desmistificada pelos principais te-

A TRAJETÓRIA DA ESCRITORA MARIA CLARA MACHADO FOI TEMA DO DOCUMENTÁRIO PRODUZIDO PELA MULTIRIO

A realidade não é única, é múltipla. Cada homem tem sua verdade! Não há dois pares de olhos que vejam a mesma coisa da mesma maneira. As coisas, por sua parte, não são como as vemos. (Amado Nervo)

óricos da comunicação. Hoje, boa parte das correntes que trabalham com documentário não compartilham desse ponto de vista de que é possível ter uma objetividade jornalística. Por trás da mistificação da objetividade, esconde-se o fato de que o material de comunicação é uma produção permeada de conflitos, interesses e disputas de poder em jogo.

Mas a problemática entre fato e interpretação não é uma questão ligada só a jornalismo e comunicação. Fernando cita como exemplo a disciplina de História: “A História não é também uma tentativa de interpretar os fatos em seu processo histórico? E o processo de construção de fatos históricos tem alguma semelhança com a construção do fato jornalístico?”, questiona.

Leitura crítica - Ele diz que “trabalhar com documentário em sala de aula permite ao professor ir mais fundo na leitura crítica dos processos de comunicação; significa entrar pelos processos de realização dos documentários, estudar que por trás de cada documentário há uma concepção sobre a relação entre fato e interpretação, objetivi-

dade e subjetividade. É possível pontuar nessas comparações as perspectivas diferentes do autor, como essas perspectivas se materializam numa determinada forma de enquadrar, de angular, na maneira da câmera observar o fato, na forma de editar esses conteúdos e comparar elementos distintos. Dá pra entrar a fundo no documentário e perceber que as perspectivas distintas se materializam através da linguagem”.

As características da linguagem do documentário permitem também trabalhar a relação com a ética, através da maneira como o documentarista pode interferir sobre os fatos, até que limites, quais os tipos de limites. Fernando cita ainda um exemplo de comparação entre a linguagem do documentário e a linguagem do telejornalismo: “Tem gente que questiona o documentário do Michael Moore (Fahrenheit 11/9) porque ele é muito posicionado. Ele é frontalmente contra o Bush, e faz uma leitura dos acontecimentos a partir dessa perspectiva. Mas é possível dizer que alguns telejornalísticos nos Estados Unidos fazem um trabalho oposto ao que o Michael Moore fez, defendendo ações do governo Bush só que se escondendo atrás da ‘objetividade’ jornalística”.

Saiba mais

Documentários:
“Os outros” e “Porão”,
de Fernando Mozart
Mais informações:
uvideo@uerj.br
www.etudoverdade.com.br

Rosália Duarte*

Documentários na escola

Boa parte das pesquisas que impulsionaram a invenção do cinematógrafo no século XIX eram ligadas a atividades científicas: estudos sobre locomoção humana e animal, persistência retiniana, fenômenos astronômicos, linguagem e condicionamento ajudaram a desenvolver as técnicas que tornariam possível captar e exibir imagens com ilusão de movimento. No início do século XX, os filmes atuavam como veículo de divulgação (e popularização) de descobertas e conceitos das ciências naturais, mas os realizadores logo perceberam que o grande potencial do

cinematógrafo estava na possibilidade de registrar a vida cotidiana, os hábitos e costumes de povos distintos. Esta foi uma das razões pelas quais os irmãos Lumière, inventores do aparelho, enviaram centenas de operadores de câmeras pelo mundo afora, ampliando significativamente o repertório de imagens de povos, países e culturas diferentes que eram exibidas nas praças, feiras e quermesses.

A tradição científica, jornalística e documental do cinema, da qual fazem parte, além dos

irmãos Lumière, os cineastas Dziga Vertov, Robert Flaherty e Alberto Cavalcanti, o jornalista inglês Joseph Rosenthal e o antropólogo francês Jean Rouch, entre outros, ajudou a lançar as bases do que viria a ser o cinema documentário contemporâneo.

Filmes documentários são documentos: iluminam e revelam aspectos importantes da realidade. Mas não são um retrato fiel dela. As imagens que um documentarista captura e o modo como as seleciona e as articula umas às outras refletem a percepção que

Fernando Mozart lembra que o processo de produção do documentário costuma trabalhar com mais tempo e permite um aprofundamento investigativo. Além disso, não está subordinado a uma dinâmica industrial tão intensa como é a da televisão, que tende a levar a padronização da linguagem limitada a determinados estereótipos. Por isso o documentário é tão importante nos dias de hoje: através do audiovisual ele abre caminho para uma reflexão mais ampla sobre a sociedade. O documentário, diz Fernando, “permite um afastamento dessa aderência a uma vida muito acelerada, onde nós vamos fazendo as coisas sem saber por que estamos fazendo, onde somos tomados por um conjunto de fenômenos mesmo sem saber explicá-los muito bem. Um bom documentário sobre alguma coisa do cotidiano que nós freqüentamos todo dia pode significar enxergar o dia-a-dia sob uma outra perspectiva. Começamos a investigar nosso próprio cotidiano e alcançamos recursos adicionais para pensar a vida, ou quem sabe repensar a vida, e escolher. Será que queremos ficar a reboque deste vendaval em que não governamos nada, onde estamos sempre cansados, estressados, em falta, correndo atrás de dinheiro, de prestígio, ou precisando sempre comprar



uma coisa nova? O documentário ensaístico e alguns outros podem ajudar a avançar nesse processo reflexivo”.

O DOCUMENTARISTA
FERNANDO MOZART
FILMANDO SEU ÚLTIMO
TRABALHO: PORÃO

Um processo reflexivo que parte da premissa de que a realidade é um bom campo para pensar a humanidade, partindo em busca de reflexões sobre temas ou personagens que se referem a fragmentos da nossa vida comum. Uma colaboração para o pensamento tendo como matéria-prima nada mais nada menos que as coisas da vida. ■

ele tem do que viu. O real nunca pode ser captado integralmente – este o grande dilema dos documentários e da pesquisa científica – a complexidade e amplitude do real ultrapassam as fronteiras das imagens e das teorias. O que se pode fazer é registrar aspectos significativos de um dado contexto e relatá-los sinteticamente: isto é o que fazem os documentaristas.

O relato de vida de uma presidiária, que vemos em *Socorro Nobre*, de Walter Salles, as experiências místicas narradas em *Santo forte*, de Eduardo Coutinho, a cartografia da violência nas favelas do Rio de Janeiro, traçada por João Moreira Salles em *Notícias de uma guerra particular*, a brutalidade da ditadura

chilena retratada por Patricio Guzmán em *O caso Pinochet*, a paixão dos estadunidenses pelas armas, retratada em *Tiros em Columbine*, de Michael Moore, entre muitos outros, certamente não “contam tudo”, mas expõem a face invisível, “a olho nu”, de mundos, culturas e acontecimentos que precisam ser melhor conhecidos.

Exibir documentários em contexto escolar é fundamental, desde que não nos esqueçamos que cinema é arte, não recurso didático, e que filmes não devem ser utilizados visando exclusivamente o tratamento de conteúdos curriculares. A principal “função” do cinema na escola é, a meu ver, a formação do gosto e gosto se forma pouco a pouco, por imersão e

contato com as obras de arte, em ambientes onde elas são valorizadas. Trata-se, então, de criar condições para que professores e estudantes possam ter acesso livre e permanente a um acervo de filmes de qualidade e que possam visualizá-los e exibí-los quando e como desejarem, a partir de seus interesses e objetivos.

*Professora do Depto. de Educação da PUC-Rio e Coord. do Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia

Saiba mais

DUARTE, Rosália. Cinema e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TOULET, Emmanuelle. O cinema, invenção do século. São Paulo: Objetiva, 2000.

Espaço de sonhos

Escola de Empreendedores oferece cursos para moradores de comunidades de baixa renda



Dois encontros semanais de quatro horas cada durante três meses. Parece pouco? Mas para cerca de 1.100 alunos atendidos pela Escola Carioca de Empreendedores Comunitários (ECEC) desde a inauguração em novembro de 2003, esse tempo pode valer por toda uma vida. Tudo isso porque a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro junto à Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS) criou na Escola um espaço para atender a população de comunidades de baixa renda, oferecendo instruções para que as pessoas possam adquirir conhecimentos práticos e teóricos necessários ao desenvolvimento de empreendimentos comerciais e sociais.

O objetivo é desenvolver atitudes e práticas empreendedoras para a realização de novos e criativos projetos voltados para a geração de renda e o desenvolvimento local das comunidades. A ECEC surgiu baseada na necessidade de captar um público inicialmente sem atividade formal e incentivá-lo a buscar alternativas ao mercado de trabalho "por meio de capacitação, microcrédito, programas de desenvolvimento econômico e, principalmente, pelas articulações comunitária e local, aumentando as chances da população de ser incluída na sociedade", afirma o Coordenador do Núcleo de Inclusão Produtiva (NIP) da SMAS, Pedro Veiga.

Estímulo à economia local - A Escola oferece quatro cursos que buscam aproximar os alunos de um conhecimento específico das leis de mercado e administração: Gestão de Negócios e Marketing; Vida Urbana; Ética e Direitos Humanos; e Desenvolvimento Econômico Local. São conteúdos que abordam desde o cálculo do custo de um produto ao papel das comunidades na eco-

nomia carioca. Há, ainda, aulas de informática com dois meses de duração, em que os alunos aprendem conceitos básicos de Word, Excel e Internet aplicados.

O conteúdo trabalhado na ECEC é feito na perspectiva da economia solidária, incentivando a importância do comportamento ético e solidário, trabalhando a idéia de que um concorrente pode ser um parceiro ou um aliado ao empreendimento. Busca-se incentivar a formação de redes e parcerias, expandindo, também, para a idéia da importância do trabalho em equipe.

Vera Lúcia Fagundes, de 54 anos, moradora do Vidigal, trabalha como empregada doméstica e sonha em montar um armário, mas a falta de informações técnicas dificultava o seu projeto. Hoje, ela faz parte da 5ª turma da Escola Carioca de Empreendedores Comunitários iniciada em junho de 2005 e acredita que o sonho está bem mais próximo da realidade. "O curso é excelente para quem quer montar um negócio e não sabe como lidar com isso. Hoje estou aprendendo a analisar se vale a pena abrir o meu armário. Acredito que vai mudar tudo na minha vida, até mesmo o lado psicológico, porque é bom preencher o tempo e ganhar dinheiro, dá uma outra dimensão à vida", disse Vera Lúcia.

O professor de Gestão de Negócios e Marketing da Escola Carioca de Empreendedores Comunitários, Rafael de Jesus Gonçalves, de 27 anos, disse que a maior parte dos alunos que entra na escola está desempregada e com isso acaba iniciando um empreendimento na própria comunidade em que vive. De acordo com o professor, os

Saiba mais

Escola Carioca de Empreendedores Comunitários
Av. Niemeyer, 776
15º andar – São Conrado
Rio de Janeiro
Telefones: 3111-1152 / 3111-1155



alunos chegam a escola e não sabem calcular o custo dos produtos vendidos, além de terem dificuldades com trabalho em grupo. “Costumo dizer na escola que para você ser um empreendedor e vender algum tipo de mercadoria é preciso ter confiança, então uma das coisas que os alunos ganham é auto-estima. Muitos deles aumentam a renda, outros descobrem que aquele tipo de atividade não vale a pena ou percebem que é importante voltar a estudar”.

Negócios - Os empreendimentos são os mais variados. Alimentação, estética, confecções, prestação de serviços ou projetos sociais, o tipo de atividade é o que menos importa, pois o foco é viabilizar a inclusão social e a conquista da autonomia destas pessoas. De acordo com o coordenador Pedro Veiga, a ECEC visa capacitar pessoas com espírito e visão empreendedores. “O objetivo é fazer com que a renda gasta pela população das comunidades circule dentro da própria comunidade, gerando desenvolvimento econômico, além de combater a exclusão social e a pobreza”, ressalta.

Como resposta às atividades da ECEC cerca de 400 empreendimentos já foram abertos e continuam atuando por toda a cidade. Não falta força de vontade e determinação para atingir este número. O Coordenador Pedro Veiga lembra que a expansão destes pequenos negócios “resultam na contratação de novas pessoas, ajudando na inclusão social, e na criação de redes comunitárias, além de possibilitar a saída destas pessoas de uma dependência da rede de poder público”. Para se inscrever na Escola Carioca de Empreendedores Comunitários é preciso ter mais de 18 anos e Ensino Fundamental completo. Os candidatos passam por uma seleção de entrevistas

tas e dinâmicas e há, também, um banco de espera para próximas vagas.

Simone Cado, de 39 anos, já trabalhou em escritórios e atualmente faz serviços de informática em casa, desde fevereiro de 2004. Entrar para a Escola foi uma forma de adquirir mais segurança e expandir o negócio. “Já consigo olhar para o meu empreendimento e ver como ele está funcionando, e agora estou procurando saber quais as necessidades dos meus clientes e, assim, posso orientá-los melhor. A minha vontade é abrir uma loja”, disse Simone.

Para receber o certificado do curso é preciso ter 75% de frequência e entregar um projeto final que é um plano do empreendimento. Já os resultados da participação podem ser vistos na geração de renda, inclusão social, resgate da cidadania e entrada em outros projetos de acesso e inclusão. Os projetos sociais obtêm parcerias internas da SMAS, como o Fundo Carioca, que oferece o crédito social, a Orientação para Integração Econômica (OIE), entre outros. Alguns alunos já estão gerando emprego e sendo multiplicadores, empregando pessoas da comunidade ou desenvolvendo projetos sociais. ■

O CURSO DE EMPREENDEDORISMO INCLUI AULAS DE INFORMÁTICA, GESTÃO DE NEGÓCIOS, ÉTICA E DIREITOS HUMANOS, MARKETING E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO LOCAL

Para sua orientação

Fundo Carioca é o programa de crédito da Prefeitura do Rio para beneficiar os moradores de comunidades de baixa renda da cidade que tenham participado de algum projeto de inclusão social e possuam espírito empreendedor. A iniciativa foi desenvolvida para ajudar os cariocas que desejam abrir ou aprimorar o seu próprio negócio com o objetivo de reverter a possibilidade de risco social.

Orientação para Integração Econômica (OIE) é um componente do programa Favela Bairro Social que visa estimular e acompanhar profissionais desempregados ou empregados de forma precária, no desenvolvimento de atividades de geração de renda, seja no mercado formal ou informal.

Fonte: www.rio.rj.gov.br/smas

Curiosidades cariocas

Projeto da Prefeitura oferece uma **exposição virtual** sobre histórias da rotina da cidade do Rio

Saiba mais

www.rio.rj.gov.br
www.rio.rj.gov.br/arquivo

Criar um espaço de memória da cidade do Rio de Janeiro. Este é o objetivo do projeto “Rio: um olhar no tempo”, das Secretarias de Publicidade, Propaganda e Pesquisa e das Culturas, por meio do Arquivo da Cidade, e do IPLAN-Rio. Para comemorar o aniversário de 440 anos da cidade, em março de 2005, foi criada uma viagem virtual pela história do município. “Procuramos destacar fatos pitorescos e marcantes da vida social e política do Rio de Janeiro. É uma mistura de fatos curiosos e históricos que marcaram a cidade. Não nos prendemos à questão factual”, disse a coordenadora Vera Mangas.

A exposição reúne cerca de 80 imagens e textos, que revelam episódios ocorridos desde a fundação da cidade até os dias atuais. De acordo com Vera, existe uma demanda da população por informações sobre a Cidade Maravilhosa. Seja para realizar pesquisas escolares ou apenas por curiosidade, o cidadão carioca está querendo resgatar a memória histórica do Rio.

Público-alvo — O projeto é destinado a estudantes, universitários

e ao público em geral interessado em descobrir um pouco mais sobre os principais momentos políticos, sociais, econômicos etc. da cidade. “Rio: um olhar no tempo” apresenta um universo de informação em uma linguagem acessível.

Realizando o passeio virtual, o usuário viajará por um painel revelador do espírito e da irreverência dos cariocas e por registros no tempo, de 1565 a 2005, narrando em ordem cronológica fatos pitorescos da cidade. Todo o passeio é ricamente ilustrado com fotos de época e pinturas que retratam os hábitos da rotina da cidade, que encanta qualquer um por suas belezas naturais e alegria de seus habitantes.

Segundo Sandra Horta, outra coordenadora do projeto, a exposição é composta por uma mistura de diversão, dados pitorescos, históricos e científicos, além de ser um presente para a população. “A idéia é ir alimentando a base de dados com datas, episódios e fatos novos e, assim, crescer o trabalho de memória da cidade”, completa Vera Mangas. O material está disponível no site da Prefeitura do Rio e do Arquivo da Cidade. ■



Lobato e Andersen inspiram concurso de argumentos

Professores devem enviar trabalhos até o dia 30 deste mês para a MULTIRIO

Em homenagem ao escritor Monteiro Lobato (1882-1948), comemora-se o Dia Nacional do Livro Infantil e Juvenil em 18 de abril, data de seu nascimento. Com histórias fantásticas e personagens tão cativantes quanto a boneca Emília, ele inaugurou uma linguagem clara e objetiva na arte de escrever para as crianças, levando gerações a viagens pelo mundo da imaginação e do conhecimento.

Antes de Lobato, o escritor dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875) encantara o mundo inteiro com histórias como "O patinho feio" e "O soldadinho de chumbo". Foi com sua obra que começou a ser definido um gênero de literatura específico para crianças. No dia de seu aniversário, 2 de abril, comemora-se o Dia Internacional do Livro Infantil.

Estes dois escritores foram dois marcos na literatura infanto-juvenil. Muitas histórias de Hans Christian Andersen foram transformadas em filmes e animações de grande sucesso. Monteiro Lobato ficou ainda mais popular quando a TV colocou no ar a versão eletrônica do Sítio do Picapau Amarelo. E a verve criativa de ambos segue inspirando muitas outras histórias.

Com a certeza de que uma boa obra audiovisual, seja ela um filme, um documentário ou uma peça publicitária, nasce a partir de boas idéias e narrativas, a MULTIRIO/RIO MÍDIA lança um desafio aos alunos e professores de 5ª a 8ª séries e do PEJA da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro: a realização de um concurso de argumentos para

a produção de um vídeo curta-metragem sobre o tema "Encontrei um tesouro: eu sei contar histórias!", inspirado nas obras dos dois autores.

A premiação outorga o direito aos autores dos dez argumentos que serão selecionados participarem de oficinas para elaboração, roteirização e produção desta produção na MULTIRIO.

A experiência em reunir mídia e educação vem revelando que a interlocução entre estas duas áreas tem sido bastante promissora. É inegável que hoje a mídia se constitui em um espaço de formação ao lado da escola e da família. O computador, a TV, os jogos eletrônicos etc. podem e devem ser incorporados às práticas educativas, de maneira que possibilitem a criação de diferentes formas de expressão, um espaço onde os alunos e professores podem explorar suas próprias identidades e construir outros modos de produção de conhecimento.

Com esta iniciativa, alunos, professores e a equipe multidisciplinar da SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA unem forças para o aprimoramento do uso criativo da mídia na educação.

A MULTIRIO/RIO MÍDIA receberá os trabalhos, via correio, até dia 30 de agosto de 2005. A confirmação de entrega poderá ser feita pelo site <http://www.multirio.rj.gov.br/riomidia>. A divulgação do resultado estará disponível no site a partir do dia 12 de setembro. Todas as informações constam do edital publicado na página ao lado. ■



Saiba mais

Informações adicionais sobre o tema do concurso e sobre as etapas de uma obra audiovisual:
 MULTIRIO
www.multirio.rj.gov.br
 RIO MÍDIA
www.multirio.rj.gov.br/riomidia
 SÉCULO XX1
www.multirio.rj.gov.br/seculo21

CONCURSO DE ARGUMENTOS “ENCONTREI UM TESOURO: EU SEI CONTAR HISTÓRIAS!”

Aproximar alunos e professores de eventos que disponibilizam novas tecnologias e que discutem estratégias para aprimorar o uso da mídia na educação é um dos desafios da SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA.

Ao realizarmos um concurso de argumentos baseados nas obras de dois dos maiores escritores para o público infanto-juvenil, Hans Christian Andersen e Monteiro Lobato, pretendemos ressaltar a importância da narrativa para se construir uma obra audiovisual de qualidade.

Ao incentivarmos os alunos a desenvolverem sua capacidade criativa de contar uma história e, ainda, estimular sua produção escrita, pretendemos acentuar a importância da narrativa na concepção de uma obra audiovisual.

I - TEMA - “ENCONTREI UM TESOURO: EU SEI CONTAR HISTÓRIAS!”

Objetivos:

1. Realizar um concurso de argumentos sobre o tema “Encontrei um tesouro: eu sei contar histórias!”, inspirado nas obras de Hans Christian Andersen e Monteiro Lobato;
2. Selecionar alunos de 5ª a 8ª séries e PEJA da Rede Pública Municipal de Ensino para participarem de oficinas de elaboração, roteirização e produção de um vídeo de curta-metragem na MULTIRIO;
3. Aproximar alunos e professores de eventos que disponibilizam novas tecnologias e que discutem estratégias para aprimorar o uso da mídia na educação;
4. Incentivar os alunos para o desenvolvimento de sua capacidade criativa e de contar histórias;
5. Estimular a produção escrita dos alunos da Rede, baseada no estudo das obras de Hans Christian Andersen e Monteiro Lobato;
6. Acentuar a importância da narrativa na obra audiovisual.

II - DOS REQUISITOS

1. O presente concurso está aberto aos alunos de 5ª a 8ª séries e PEJA da Rede Pública Municipal de Ensino;
2. Os argumentos poderão ser realizados individualmente ou em grupo, no horário de aula do aluno;
3. Caso o argumento seja realizado em grupo, os componentes deverão indicar somente um representante para participar das oficinas e da elaboração do vídeo de curta-metragem na MULTIRIO;
4. Só será aceito um argumento por escola;
5. O professor orientador do trabalho que participar do desenvolvimento do argumento com os alunos deverá, também, acompanhá-lo nas três (03) oficinas para elaboração, roteirização e produção do vídeo de curta-metragem na MULTIRIO;

III - DA APRESENTAÇÃO DOS PROJETOS

Os argumentos deverão ser apresentados respeitando-se as seguintes especificações:

1. O texto deverá ter no máximo 30 linhas;
2. O texto deverá ser digitado, em espaço duplo e em papel A4, fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento de 1,5;
3. A apresentação do texto deverá ser em quatro (04) vias impressas. Em folha avulsa, os trabalhos deverão conter as seguintes informações:
 1. Nome da escola;
 2. Identificação do argumento/autor (es) e professor orientador do trabalho;
 3. Turno do aluno ou do grupo;
 4. Disponibilidade do aluno e/ou representante do grupo para participar das oficinas fora de seu horário escolar. Marcar (1) manhã - (2) tarde - (3) não tenho disponibilidade;
 5. Disponibilidade de turno do professor orientador do trabalho para acompanhar as oficinas. Marcar (1) manhã - (2) tarde - (3) não tenho disponibilidade.

IV - DA INSCRIÇÃO

1. Atendidas as especificações acima, o texto deverá ser enviado diretamente à MULTIRIO/RIO MÍDIA, no Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - Brasil - CEP 22260-210;
2. No envelope lacrado deverá constar a identificação “Concurso de Argumentos - Encontrei um Tesouro” MULTIRIO/RIO MÍDIA;
3. O recebimento do material pela MULTIRIO/RIO MÍDIA equivale a inscrição no concurso;
4. A lista de trabalhos inscritos poderá ser conferida no site <http://www.multirio.rj.gov.br/riomidia>;
5. Os alunos e professores participantes do processo deverão concordar em ceder os direitos de uso de imagens e som de voz, fixado nas datas das oficinas, no programa e/ou programas que venham a produzir, sem qualquer restrição, ou podendo, ainda, ser utilizados em qualquer suporte (audiovisual, CD-ROM, banco de dados, material impresso, sites etc.).

6. A autorização compreende também toda e qualquer forma de publicidade do programa a ser criado e sua utilização em seminários e eventos de qualquer espécie da produção, desde as etapas iniciais.

V - DA SELEÇÃO

Primeira Etapa:

1. Somente será aceito um argumento por escola.

Segunda Etapa:

1. Será selecionado um argumento por CRE;
2. Serão selecionados um total final de dez (10) argumentos;
3. Só será aceita a participação dos alunos e professores se houver disponibilidade para que integrem as três (03) oficinas na MULTIRIO, fora do horário de trabalho em sala de aula.

VI - DA AVALIAÇÃO

Os argumentos serão avaliados considerando-se os seguintes critérios:

1. A comissão de seleção utilizará como critério de avaliação a apresentação de idéias criativas e originais adequadas ao tema proposto;
2. Possibilidade de aplicação do argumento às condições de produção da MULTIRIO.

VII - DA COMISSÃO JULGADORA

1. A comissão de seleção encarregada de avaliar os argumentos será formada por educadores e profissionais da área de educação e mídia da SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA.

VIII - DA PREMIAÇÃO

1. A premiação outorga o direito do aluno ou o representante do grupo de alunos autores do argumento selecionado participarem de três (03) oficinas: elaboração, roteirização e produção de um vídeo de curta-metragem na MULTIRIO;
2. O professor orientador do trabalho participará junto com o aluno ou o representante do grupo de alunos nas três (03) oficinas para elaboração, roteirização e produção de um vídeo de curta-metragem na MULTIRIO;
3. Os alunos e professores serão divididos em dois grupos (manhã e tarde), a serem definidos dependendo da disponibilidade dos participantes;
4. Serão produzidos dois (02) vídeos de curta-metragem;
5. Ao final do processo, cada aluno e professor receberá uma cópia CD com o produto final. Os nomes dos alunos, professores e suas respectivas escolas constarão nos créditos da produção;
6. Veiculação da produção durante a programação da MULTIRIO.

IX - DO CRONOGRAMA

1. Lançamento e divulgação: agosto
2. Recebimento dos trabalhos: até 30 de agosto
3. Confirmação de recebimento pelo site <http://www.multirio.rj.gov.br/riomidia>
4. Avaliação e seleção: de 1 a 10 de setembro
5. Divulgação da seleção: 12 de setembro

X - DAS CONSIDERAÇÕES GERAIS

1. Os argumentos deverão atender às especificações constantes no regulamento;
2. O encaminhamento dos argumentos, na forma prevista neste regulamento, implica a concordância com as normas estabelecidas neste edital;
3. Serão automaticamente desclassificados os argumentos que não estiverem baseados no estudo das obras de Hans Christian Andersen e Monteiro Lobato;
4. Os argumentos inscritos não serão devolvidos;
5. Caberá à Secretaria Municipal de Educação a divulgação do regulamento para toda a rede pública;
6. Caberá à SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA a divulgação dos resultados do concurso;
7. Caberá à SME/MULTIRIO/RIO MÍDIA resolver as questões pertinentes à premiação e os casos omissos.

XI - INFORMAÇÕES GERAIS

1. Por argumento entende-se: o resumo de eventos básicos e seu encadeamento para formar uma história que se quer contar. O argumento é a fase inicial da elaboração de uma história a ser desenhada, onde se esboça seus principais acontecimentos e seu desfecho. É no argumento que se pode ver a viabilidade – de produção artística e financeira de um projeto audiovisual.
2. Os professores e alunos poderão encontrar nos produtos da MULTIRIO - Portal MULTIRIO, Revista Nós da Escola edição de agosto, Sites Século XXI e Site do RIO MÍDIA, conteúdo e bibliografia preparados especialmente para dar suporte ao concurso de argumentos e com as várias etapas da produção audiovisual.

Para sua atualização

Núcleo Curricular Básico Multieducação

Temas em debate

Princípios Educativos e Núcleos Conceituais



SINOPSE

A atualização do Núcleo Curricular Básico Multieducação está chegando às escolas da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. A produção foi realizada em fascículos e será apresentada em duas séries: *Multieducação: Temas em Debate* e *A Multieducação na Sala de Aula*. Um dos fascículos da série *Temas em Debate* propõe a reflexão sobre o desenvolvimento do currículo a partir de *Princípios Educativos e Núcleos Conceituais*.

NA ESCOLA

Os(as) professores(as) poderão ler e discutir o texto nos espaços coletivos de encontro em busca de novos instrumentos para compreensão do cotidiano escolar, pois é neste espaço diário que o currículo se operacionaliza e produz novos sentidos para o ensino.

A escolha e a organização dos saberes que compõem o currículo escolar estão articulados a *Princípios* que orientam a ação educativa como *Trabalho, Meio Ambiente, Cultura e Linguagens* e a outros que a escola considerar relevantes no contexto social e consonantes com seu Projeto Político-Pedagógico. Como ilustração, podemos citar a ética como um princípio orientador das ações educativas, da formação do cidadão e de enorme significação social na construção de uma escola inclusiva.

Os conhecimentos que constituem os saberes específicos, instrumentalizam nossos alunos na leitura e compreensão do mundo considerando a *Identidade, o Tempo, o Espaço* e a *Transformação* como conceitos constitutivos das diferentes áreas do saber escolar.

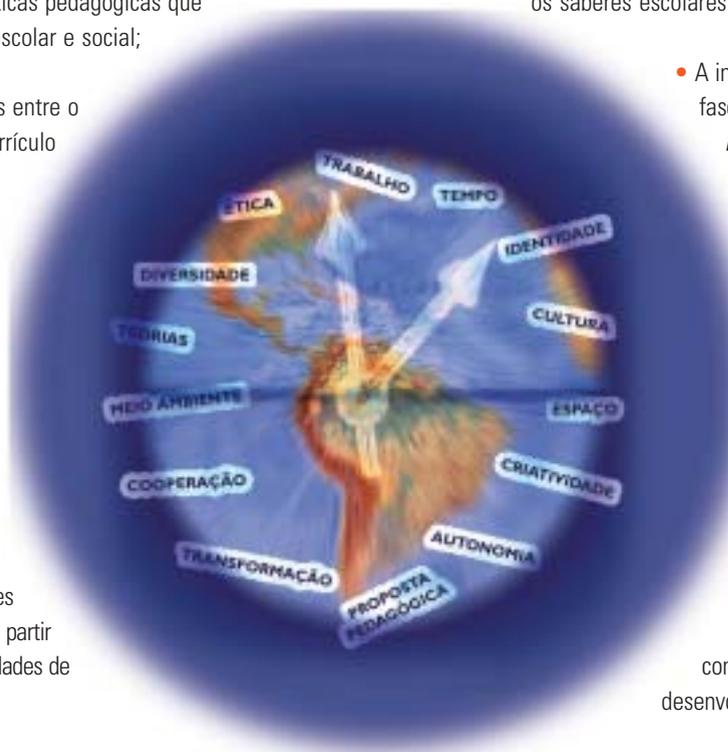
PROPOSTAS DE TRABALHO

O texto do fascículo *Princípios Educativos e Núcleos Conceituais* apresenta alguns desafios aos(as) professores(as) na releitura do Núcleo Curricular Básico Multieducação. Ao propormos uma atualização estamos afirmando a necessidade de continuarmos tendo a Multieducação como nosso guia curricular, acrescido de novos fascículos para que possamos ampliar nossas possibilidades de implementar um currículo imerso nas questões que movimentam os anos iniciais desse novo século.

A relação que se estabelece entre os dizeres de um texto, os saberes dos(as) professores(as) e a prática pedagógica precisa ser construída a partir de um processo reflexivo que inclui o espaço coletivo como primordial. É na troca que nos constituímos, é na possibilidade que temos de vivenciar diferentes experiências pedagógicas que avaliamos o processo de ensinar e aprender, é no cotidiano que implementamos as práticas que impulsionam o desenvolvimento de nossos(as) alunos(as).

Ficam aqui algumas sugestões:

- Discutir com seus pares a incorporação de novos *Princípios Educativos* que orientam a ação pedagógica e que são relevantes quando a escola constrói, propõe e avalia seu Projeto Político-Pedagógico;
- Refletir sobre a flexibilidade de pensarmos o *Núcleo Conceitual Identidade* como, também, um *Princípio Educativo*, ao analisarmos a constituição da sociedade brasileira em tempos de globalização;
- Avaliar seu planejamento das aulas de forma articulada com o planejamento curricular de sua escola e descobrir nas ações pedagógicas a maior ou menor ênfase de alguns *Princípios e Núcleos* e compreender que os conhecimentos específicos se relacionam, se entrelaçam, num processo interdisciplinar que dá novos sentidos às ações de ensinar;
- Analisar o conceito de currículo como prática de significação que contribui para produção de identidades sociais e refletir sobre práticas pedagógicas que contribuem para inclusão escolar e social;
- Compreender as relações entre o desenvolvimento de um currículo pautado na diversidade de nossos alunos e o pressuposto fundamental para existência da escola pública: o ensino para todos;
- Compreender que cada um dos sujeitos que compõem o grupo de alunos com o qual nos encontramos diariamente, é único e estabelece as relações com o conteúdo trabalhado a partir de suas vivências e possibilidades de inserção sociocultural;
- Planejar aulas que contemplem à diversidade do repertório cultural de nosso grupo de alunos(as) ampliando, com o uso das diferentes linguagens, suas formas de perceber e compreender o mundo;
- Estabelecer relações com o mundo do trabalho e os principais conceitos que envolvem a ação do homem nesse processo;
- Analisar os fatores ambientais que constituem e interferem positiva e negativamente no entorno do espaço escolar, na cidade, no país e no mundo, trabalhando a consciência ecológica como fator indispensável ao desenvolvimento humano;
- Lembrar que no espaço escolar encontram-se sujeitos professores e sujeitos alunos que trazem as marcas do tempo e do espaço que se transforma a cada instante, apresentando possibilidades de diversas articulações com os saberes escolares.
- A intenção é que o texto do fascículo de *Princípios Educativos e Núcleos Conceituais* nos faça pensar na escola inserida no mundo, ajudando a formar para o mundo, permitindo diferentes leituras de mundo, contribuindo para um ensino articulado, interdisciplinar, significativo; para uma aprendizagem que contribua para o desenvolvimento humano.



Professor(a), esperamos que o diálogo esteja iniciado e que as reflexões possam contribuir para o sucesso de seu trabalho.

CEC: espaço de participação política e valorização da cidadania

Novas formas de experiências colegiadas para além da concepção burocrática dos órgãos colegiados vêm se institucionalizando. Caminhando nesta direção estão os Conselhos Escola-Comunidade (CECs), que recentemente foram contemplados com um programa governamental federal para valorizar as suas ações e incentivar a participação da sociedade neste espaço democrático tão importante. Sua atuação não deve ser concebida apenas como uma solução operacional e de cunho colaborativo ou apenas como estratégia de acomodação da sociedade e controle do Estado.

É necessário que as pessoas entendam os CECs como instâncias participativas que possibilitem aos indivíduos vivenciar as conseqüências do movimento de democratização e de participação experimentado pelo país. Sendo assim, a participação pode ser considerada um exercício democrático, que fornece subsídios para que as pessoas elejam, fiscalizem, desburocratizem e dividam responsabilidades, principalmente atuando nos processos de tomada de decisões e, sobretudo, participem do processo de democratização da educação pública em curso no país.

Apesar da realidade da participação ainda estar se concretizando e existir muitos obstáculos a serem superados, há várias experiências de sucesso espalhadas pelo país no tocante ao trabalho desenvolvido pelos CECs, por exemplo, em São Paulo e Minas Gerais

Um CEC é, potencialmente, um dos instrumentos da construção de uma esfera pública de

decisão que pode fortalecer o controle social sobre o Estado, a fim de que se possa garantir que a escola pública consiga atender aos anseios e necessidades da população a que se destina. Desta maneira, “o Conselho de Escola, como Colegiado Escolar, é indispensável para que a escola possa construir coletivamente seu projeto político-pedagógico e seja significativa para a vida da comunidade” (Antunes, 2002:14).

O CEC também pode viabilizar a construção de saberes como a participação, autonomia, democracia e cidadania, já que seu papel político enquanto instância deliberativa e coletiva, não exclui ou nega as responsabilidades legais aos cargos que existem na escola e, ainda, conta com a contribuição das pessoas que participam nas tomadas de decisões.

A compreensão da vida escolar a partir dos problemas concretos vividos pela comunidade pode melhorar a qualidade da participação das pessoas e, conseqüentemente, como afirma Vitor Henrique Paro, melhorar a qualidade da escola.

O trabalho desenvolvido dentro destes Conselhos pode ser acompanhado por vários instrumentos como, por exemplo, as atas, pois por meio delas pode-se verificar se as decisões ali registradas estão sendo devidamente encaminhadas.



Promover a integração escola-comunidade é a expectativa central dos CECs. A organização dos CECs contando com a participação “para além dos muros escolares” também é muito importante para a superação das relações verticais, freqüentemente, encontradas no interior do espaço escolar. A participação das pessoas, com diferentes experiências, pode contribuir significativamente, na medida em que elas partilham suas experiências com outros membros e ampliam as discussões realizadas no interior dos Conselhos. Há, também, a possibilidade de horizontalização das relações, principalmente as de cooperação e solidariedade entre as pessoas, nas quais haja a possibilidade de participar da gestão da instituição.

É real a possibilidade de se considerar o CEC como elo de ligação entre Estado e sociedade. Mesmo considerando que a pluralidade representativa que o caracteriza traga consigo a existência de conflitos entre as concepções mais gerais de seus participantes, os Conselhos participam de uma dinâmica política que está além do setor educacional, podendo constituir-se em um espaço tanto para viabilizar quanto para inviabilizar a consecução das finalidades da edu-

cação brasileira; por outro lado, um espaço de realização do ideário democrático de participação tão exigido pela sociedade civil.

Os Conselhos tornam-se, então, fóruns privilegiados com as incumbências de definir rumos, traçar objetivos, diretrizes e estratégias de ação numa tarefa que é coletiva, com representantes eleitos democraticamente, com iguais oportunidades para contribuir e participar.

Vale a pena dizer que, enquanto desafio, a construção de espaços que possibilitem a efetiva participação das pessoas - participação cidadã – e uma dinâmica entre vários segmentos sociais na construção e gestão de projetos de trabalho, torna possível repensar as estruturas de poder autoritário ainda vigentes em nossa sociedade. Mas, é claro que tudo o que foi exposto acima não é uma tarefa tão fácil como alguns podem pensar; outros podem considerar a possibilidade dos CECs atuarem no processo de formação e socialização humana uma utopia.

Daniela da Silva Lima, professora itinerante no PEJA da rede municipal de ensino da 4ª CRE.

Se você quiser colaborar com esta seção envie-nos seu artigo por e-mail (multirio_dpub@rio.rj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em fonte Arial 12 e ter, no máximo, 4 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.



BandRio

quinta, às 14h;
sexta, às 7h;
domingo, às 9h30.



ENCONTROS COM A MÍDIA



Net - canal 14

segunda, às 13h;
sexta, às 8h30;
domingo, às 10h30.



anote na agenda

TEATRO INFANTIL

O musical "Mãe como eu nasci?" discute de forma divertida a questão da educação sexual para crianças. Elaborado por Antonio Carlos Bernardes e Fátima Valença, inspirados no livro homônimo de Marcos Ribeiro, o espetáculo traz uma combinação de atores e da técnica de desenhos animados para o palco, respondendo às perguntas mais freqüentes entre crianças de 5 a 10 anos sobre o nascimento dos bebês. O espetáculo acontece aos sábados e domingos, às 17h, até o dia 21 de agosto. O ingresso custa R\$14 (inteiro) e R\$7 (estudantes, pessoas acima de 60 anos e servidores da UFF).

Teatro da UFF

Rua Miguel de Frias, 9 - Icaraí
Niterói - RJ - Telefone: 2629-5020

15 ANOS ESPAÇO UFF FOTOGRAFIA

O Centro de Artes da UFF está apresentando uma série de eventos para comemorar os 15 anos do Espaço UFF de Fotografia. Os três espaços do centro estão ocupados pelos trabalhos de artistas que utilizam a fotografia como suporte de criação. Na Galeria de Arte UFF o público pode visitar a mostra "Visões Paralelas – da inquietação do moderno à fotografia contemporânea", que exibe o trabalho de 24 artistas que traçam um breve panorama do desenvolvimento da estética fotográfica. O Espaço UFF de Fotografia exibe a mostra "José Medeiros – a aventura moderna" e o Espaço Aberto UFF apresenta a instalação "Êxodo" do artista plástico e ensaísta Fernando Braune, um trabalho que une fotografia, pintura e cenografia para tratar temas como o livre arbítrio, as buscas existenciais, o sagrado e o profano. As exposições estão abertas de segunda a sexta, das 14h às 20h, e aos sábados e domingos, das 14 às 22h, até o dia 21 de agosto. A entrada é gratuita.

Centro de Artes da UFF

Rua Miguel de Frias, 9, térreo - Icaraí
Niterói - RJ - Telefones: 2629-5026
ou 2629-5033
E-mail: galeria@vm.uff.br

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

Um dos mais importantes museus do Brasil, o Museu Histórico Nacional, criado em 1922, oferece ao público uma área de 9 mil metros quadrados de exposições permanentes e temporárias, além de um acervo de mais de 287 mil itens. O visitante pode ainda participar regularmente de cursos, seminários, exibição de vídeos e atividades especiais para menores. O museu oferece um panorama da história do Brasil, com ambientações do Império, pinturas históricas, canhões, porcelanas, biblioteca, arquivo histórico etc. O espaço é aberto para visitas de terça a sexta, das 10h às 17h30, e aos sábados, domingos e feriados, das 14h às 18h. A entrada custa R\$6. Crianças até 5 anos; alunos e professores de escolas públicas federais, estaduais e municipais; funcionários do IPHAN; estudantes de museologia; sócios do ICOM-International Council of Museum e guias de turismo não pagam. Alunos agendados da rede particular de ensino e brasileiros entre 60 e 65 anos pagam meia-entrada.

Museu Histórico Nacional

Praça Marechal Âncora - Centro
Rio de Janeiro - RJ
Telefones: 2550-9220 ou 25509224

TEATRO INFANTIL

O SESC Tijuca apresenta a peça infantil "O Colarinho", que faz parte das comemorações do bicentenário de nascimento de Hans Christian Andersen. A adaptação e direção é de Luiz Carlos Buruca, que conta a história de um vaidoso colarinho em busca de uma noiva para se casar. O espetáculo é recomendável para crianças a partir de 5 anos e tem a duração de 38 minutos. "O Colarinho" está em cartaz de 6 a 28 de agosto, aos sábados e domingos, às 17h. O ingresso custa R\$10 (inteiro) e R\$5 (crianças, estudantes, idosos e comerciários).

SESC Tijuca

Rua Barão de Mesquita, 539 - Tijuca
Rio de Janeiro - RJ
Telefone 3238-2100

ÓPERA BARROCA

O Centro Cultural Banco do Brasil apresenta até o dia 21 de agosto o espetáculo "Dom Quixote e a Duquesa", que une a beleza da música barroca de câmara a uma ousada encenação com acrobatas. A ópera conta com nove vozes e uma pequena orquestra barroca com nove instrumentalistas. A apresentação musical tem violinos, flauta doce, transversa, viola de gamba, fagote, teorba, guitarra barroca, percussão e cravo. A direção cênica e o caráter lúdico da montagem é de Moacir Chaves e a direção musical de Fagerlande. "Dom Quixote e a Duquesa" está em cartaz no Teatro I, de Quarta a Domingo, às 19h. A entrada custa R\$10 (inteira) e R\$5 (estudante, idosos e deficientes).

Centro Cultural Banco do Brasil

Rua Primeiro de Março, 66, Centro -
Rio de Janeiro - RJ
Telefone: 3808-2020
E-mail: cccbrio@bb.com.br

SOLAR GRANDJEAN DE MONTIGNY

O Centro Cultural da PUC-Rio exibe a exposição da artista Ana Herter, com cerca de 25 trabalhos em pintura pigmento e acrílica sem tela, e da artista Analú Cunha com a mostra "Parêntesis, vídeos", que apresenta dois vídeos e uma videoinstalação criada para o espaço apresentando diferentes formas de elaboração da realidade. As exposições podem ser visitadas de segunda a sexta, das 10h às 17h30, até o dia 12 de agosto. E a partir de 16 até o dia 30 de agosto, de segunda a sexta, das 10h às 17h30, o público poderá visitar a segunda exposição coletiva de alunos de Gravura da PUC-Rio, que se insere na programação da Mostra PUC.

Solar Grandjean de Montigny

Centro Cultural PUC-Rio
Rua Marquês de São Vicente, 225
Gávea - RJ
Telefones: 3114-1434/1435/1436
E-mail: solargm@rdc.puc-rio.br

Livros

É Tudo Verdade

Amir Labaki

Editora W11 Editores, 2005

Coletânea das críticas e análises do idealizador e fundador do *Festival de Documentários É Tudo Verdade*, Amir Labaki, publicadas no jornal *Valor Econômico EU & Fim de Semana*. A primeira parte do livro, *Na rota do documentário*, apresenta os artigos e mini ensaios que flagram, no calor da hora, em viagens, mostras, listas e premiações, o crescimento do presente círculo virtuoso em torno da não-ficção. Em *O cinema do real*, parte dois, reúnem-se os textos em que Labaki manteve um embate mais direto com as obras e com a contribuição de seus autores. *Reflexões mais variadas*, em que a cultura do documentário infiltra-se em outras arenas, encontram-se na parte três, Na tela do mundo. Por fim, em *Griersonville, Flahertyland*, são discutidas algumas tendências e interpretações e Labaki arrisca alguns desafios.



O Documentário de Eduardo Coutinho – Televisão, Cinema e Vídeo

Consuelo Lins

Jorge Zahar, 2004

Acompanhando 40 anos da trajetória de Eduardo Coutinho, mestre do cinema documental no Brasil, Consuelo Lins analisa nesse livro todos os filmes do diretor, desde o premiado “Cabra marcado para morrer” (1964-84) até “Peões” (2004). O tema deste livro é a investigação dos procedimentos de criação, métodos de trabalho, condições de realização, posturas éticas e opções estéticas e técnicas de Coutinho, que pode provocar transformações nas idéias preconcebidas que todos nós – público e personagens – construímos a respeito do mundo em que vivemos.

Documentário no Brasil – Tradição e Transformação

Francisco Elinaldo Teixeira (org.)

Summus Editorial, 2004

Uma coletânea exclusivamente voltada para um domínio importante na cultura audiovisual contemporânea: o campo do documentário cinematográfico.

Trata-se da primeira iniciativa deste gênero no Brasil. O livro reúne textos de doze especialistas no tema, de São Paulo e do Rio de Janeiro, recobrando cerca de oitenta anos de nossa produção documental.

Filmes e Vídeos

Anísio Teixeira

Direção Miguel Przewodowski,

MULTIRIO / 1999, 56 minutos

Documentário sobre a vida, o pensamento e a obra do educador



Anísio Teixeira, um dos líderes do movimento da Escola Nova, signatário do Manifesto dos pioneiros da Educação e o artífice da Escola-Parque e do sistema público de ensino no Brasil pós-anos 30.



Heitor Villa-Lobos

Direção: Miguel Przewodowski,

MULTIRIO / 2000, 56 minutos

A música, as idéias, a inventividade do mais famoso compositor brasileiro. O documentário apresenta a vida e a obra de Villa-Lobos e revela os fatos e as características do maestro, que também criou os corais das escolas públicas.

Nelson Freire

Direção: João Moreira Salles

Brasil, 2003, 102 minutos

O documentário conta a história do menino prodígio do interior de Minas que se tornou unanimidade internacional. Filmado no Brasil, na França, na Bélgica e na Rússia, o filme acompanha a rotina de Nelson em concertos e recitais, desde o primeiro contato com o piano até a recepção dos admiradores no camarim.



Nós que Aqui Estamos por Vós Esperamos

Direção: Marcelo Masagão

Brasil, 2002, 73 minutos

Montagem de imagens de arquivo que mostram os grandes personagens do século XX, assim como alguns personagens menores. Vencedor de vários prêmios nacionais e internacionais.

NÓS DA ESCOLA



Próximo passo:
48 páginas



No próximo número: Jogos Eletrônicos